



O Gaiato

AVENÇA

Quinzenário * 11 de Outubro de 1975 * Ano XXXII — N.º 824 — Preço 2\$50

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes
Fundador: Padre Américo * Director: Padre Luiz

ÁFRICA

«Sou a hora de darmos a grata notícia. A partida está marcada para 20 de Outubro. Contamos, pois, chegar a Lourenço Marques em meados de Novembro, de forma a arrumarmos a casa em ordem ao seu começo oficial na próxima Festa do Santíssimo Nome de Jesus — 2 de Janeiro de 1968.

Não é um passo precipitado, mas arrojado sim. Lourenço Marques será a 14.ª lareira acesa sob os telhados da Obra da Rua, à distância de milhares de quilómetros da outra mais próxima e de quantas vezes mais desta Casa Mãe onde estou escrevendo. Os Padres da Rua são nove e só Deus sabe quem tem para lhes acrescentar o número e o tempo em que o fará. Por isso digo arrojado este passo, embora o arrojado tenha por alicerce a Fé, a Fé no Deus que nos chama e nos não abandonará. Só o muito pensar e sentir a urgência de uma presença como a nossa em terras de Moçambique (onde não há ainda qualquer resposta para os problemas da Infância abandonada e delincente), junto à vontade expressa da Igreja... — só isto

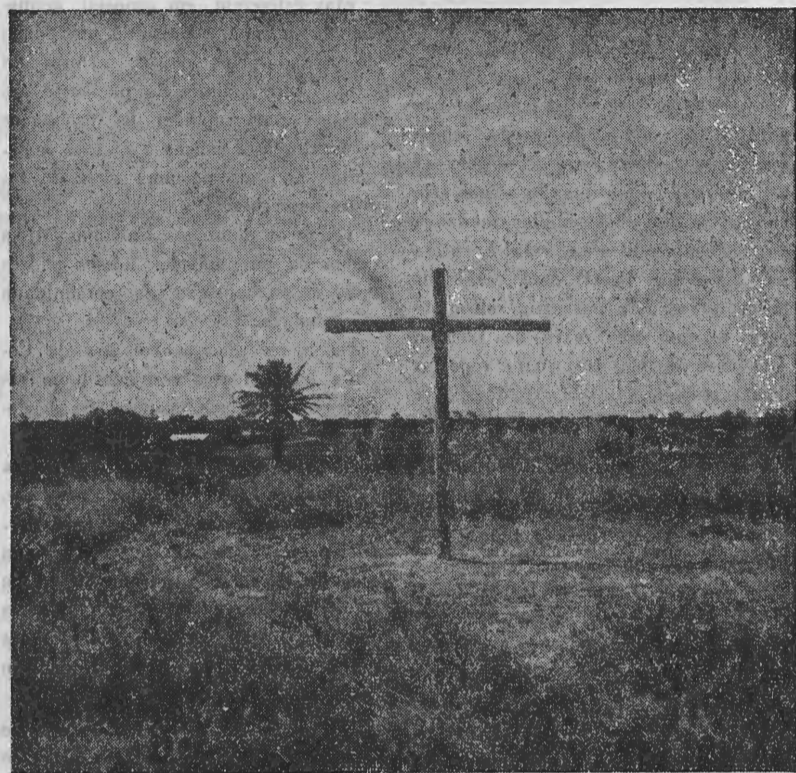
nos decidiu a ir, a ir já, dando a partir da decisão um testemunho de confiança na Providência, de Quem esperamos o pão de cada dia e também quem o parta daquele que o Povo há-de repartir conosco.»

(«in «O Gaiato», 12/8/67, n.º 611)»

Foi como acima se transcreve que Padre Carlos, há oito anos, anunciou nestas colunas o «arrojado» que não «precipitado passo» da vinda da Obra para Moçambique, alicerçados na Fé em Deus e na urgência da resposta para os problemas da Infância abandonada e delincente nestas paragens do Índico. Nunca a Providência nos deixou ficar mal por n'ela termos posto a nossa confiança. Nem os trabalhos nem as cansaças dos Obreiros, que aqui têm dado o melhor da sua vida, foi ou é motivo para arrependimento ou descrença. De uma machamba inculta se fez uma propriedade capaz de satisfazer pelo menos as necessidades internas, tanto quanto as condições mesológicas o permitiram, com o saneamento e a pesquisa de água e a construção das instalações pecuá-

rias e agrícolas indispensáveis. Escolas airoas, abertas à população das redondezas; oficinas de carpintaria e de serralharia em pleno funcionamento, enquanto outras, em acabamento, se preparam para dar lugar também ao ensino de mecânica e de electricidade; duas airoas casas, das três previstas para a Aldeia, com capacidade para 80 Rapazes, com os requisitos indispensáveis; uma espaçosa e excelente casa-mãe, devidamente apetrechada nos seus mais variados sectores; eis o que foi possível até agora realizar no plano das infra-estruturas consideradas necessárias para servir os jovens a que nos quisemos dedicar, actualmente cerca de 50 e que mais não são já por motivos alheios à nossa vontade.

No momento em que escrevemos a nossa Casa encontrase nacionalizada, com as contas canceladas e nela têm permanecido alguns agentes da Autoridade, numa atitude de vigilância. Temos percorrido os mais variados sectores oficiais em ordem a um esclarecimento da situação, mas pouco temos adiantado, aguardando-se a



A CRUZ será sempre a nossa bandeira: o único sinal da Redenção. (Cruzeiro de Lourenço Marques)

chegada dum Comissário. Desconhecemos, pois, qual será o nosso futuro aqui, pelo que nada mais, de concreto, podemos adiantar, a não ser a nossa firme vontade de permanecer, agora mais do que nunca, se nos for concedido espaço de liberdade compatível com a missão de servir, na linha da Obra, a Juventude Moçambicana.

Continua na QUARTA pag.

«O LODO e as ESTRELAS»

Continua a dar que falar! E as próprias livrarias é quiosques — de quem normalmente estamos divorciados — lá vão pedindo aos 5, 6 e 10 exemplares!

De 8.000, já distribuimos cerca de 5.000 exemplares. Mais de metade da edição!

Apesar de não sermos especialistas ou devotos de Estetística — um dos maiores bens que Pai Américo nos legou! — o lançamento de «O LODO E AS ESTRELAS» promovido só no restrito meio de «O GAIATO» e as ressonâncias dos seus Leitores afirmam categoricamente a aceitação da obra do Padre Telmo, escrita e amassada em sangue, suor e lágrimas benditas — com os olhos da Fé.

Vamos ter com o Leitor. Ninguém é capaz d'opinar melhor, sem elitismos descabidos. Quando a alma fala, cuidado! E se atropelar as próprias regras gramaticais — aconteça! — melhor o seu testemunho. A palavra é um meio, não o fim.

Continua na QUARTA página

Segue na QUARTA pag.

FILHOS SEM LEI

Pois ilegítimos já a Constituição futura os não deixará chamar — e muito bem! Mas que dizer de tantos que os desvarios dos pais deixam sem rei nem roque, mercê da Caridade que, melhor ou pior, tem de remediar enquanto a Justiça não se mostrar eficaz?! E não Lhe basta para a eficácia que as leis promulgadas sejam muito perfeitas no diagnóstico dos males e no receituário adequado. Enquanto tudo isso for letra, é letra morta — a que só uma acção pronta e enérgica poderá dar vida.

Ora leiam, por favor, as duas cartas que o correio de hoje nos trouxe:

«Eu, F., de 35 anos de idade fui abandonado por minha mulher que me deixou 5 filhos dos quais 3 estão internados

(3 meninas). Apenas fiquei com dois, mas como sou um homem com incapacidade para o trabalho desde 1954, porque nessa data fiquei mutilado, sem uma perna, onde o meu ordenado é de 9\$50. Como a vida está cada vez mais cara e vejo os meus filhos a passar fome, vi-me obrigado a pedir auxílio. Peço-vos que tirem os meus filhos da fome e da miséria, porque são os únicos que não têm culpa de virem ao mundo. Eu sim, sou culpado porque fui eu que os pôs neste mundo sem nunca pensar que eles vinham a passar tanta fome....»

«(...) Sou extremamente pobre, mãe de 4 filhos e apenas com 25 anos. Tenho o mais velho com 7 anos e o mais novo apenas com mês e meio.

Sou solteira, mas por infelicidade o homem com quem vivia abandonou-me em adiantado estado de gravidez.

Atendendo à minha precária situação, não podendo trabalhar pelo facto de olhar por eles, solicito a V. se digne internar o meu mais velho, no caso de haver facilidade.

Como digo atrás, sou pobre e não tenho qualquer recurso.»

Quantos da mesma sorte são os nossos filhos! Filhos com pai e mãe, para os quais o menor drama seria o da orfandade.

Onde está a lei que responde a estes dois gritos de aflição? Mas eles são tantos!

Há momentos, mesmo, me chegou outro, de viva voz. Era um Retornado de Angola o portador do recado. Pai de

cinco filhos, sem emprego, espoliado das suas economias, sem horizonte próximo que lhe dê paz. Não vinha pelos filhos, mas por dois sobrinheiros a quem a mãe morreu há dias, que o pai, esse já lhes morreu há anos, quando os abandonou. Agora não têm ninguém os dois pequenos. Ele não pode acolhê-los, como seria o seu dever se as condições presentes lho permitissem. Que fazer deles? Eis a pergunta angustiada que trazia. E foi sem a resposta que procurava, que nós não temos mais lugares, para tantos e tantos e tantos que nos batem à porta.

É este um dos aspectos mais desgastantes da nossa vida: sermos testemunhas de tanta

PELAS CASAS DO GAIATO

Ericeira

Cada um poderá por si definir o que entende por férias de modo a que, possamos recolher opiniões diversas com definições comuns: Tempo de descanso.

Verdade é que muita gente parte para férias, crente de que o tempo que se propõe passar fora irá ser de inteiro repouso quando afinal este não passa de uma simples mudança de ambiente ou uma fuga à rotina do dia-a-dia. Deste modo, são as férias quase uma miragem, sobretudo para as mulheres mães de família.

O caso a que me quero reportar diz-nos respeito.

Em princípio as férias são um direito inviolável para quem trabalha. Foi dentro desta norma que decorreu de Julho a Setembro a época balnear para os Rapazes desta Casa.

A casa de que nos servimos para o tempo de veraneio é boa em si. Situada num ponto privilegiado de onde se descobre uma vista admirável, tanto para o mar com o seu pôr do sol, como para os montes circundantes ou para a Vila da Ericeira.

A contrariar isto tudo está a inexistência de água para o seu abastecimento. Temos que nos valer de alguns bidons que a Colónia Balnear nos cede.

Formaram-se três turnos com os respectivos chefes e cada um destes com as suas fraquezas e limitações no que não foram apoiados pelos mais velhos que, embora não se tendo portado mal, podiam ter correspondido melhor.

Foram primeiro os mais pequenitos. No semblante de todos a alegria e os projectos para passarem bem as três semanas de praia a que quase todos este ano tiveram direito.

Aproveitou-se o tempo para jogar e comer bem, porque os ares do mar abrem o apetite, ao que se somava a subida do monte que ao mesmo tempo servia de ginástica.

De louvar o trabalho exercido pelas duas senhoras, da que fez o primeiro

turno e da que fez os restantes. Duas das três senhoras que devotamente se entregaram ao serviço desta Casa e que estão na linha daquilo que disse logo no início deste relato.

Elas estiveram, em especial, ocupadas da cozinha, repartindo um pouco do tempo pelos outros sectores da casa. Usaram ainda da paciência necessária para atender os problemas referentes às crianças e não só, constantes naturais de uma casa de família numerosa.

Todos os domingos tínhamos Missa celebrada por um dos nossos padres com a participação da comunidade ali instalada.

Há a recordar os convites da Colónia para alegres convívios com rapazes e raparigas, a que nós acedemos.

Resta-nos agradecer à Direcção da Colónia tudo o que fez por nós, tudo o que nos ofereceu, em especial a comida. Agradecemos ainda aos vários amigos que ao longo de todo o tempo que ali permanecemos foram aparecendo e nos ajudaram das mais variadas maneiras. A todos o nosso muito obrigado.

No regresso, cara morena e pele queimada, característica própria de quem se expõe ao sol pensando tirar dele todo o proveito mesmo quando este é prejudicial. Ou então porque é bonito estar muito queimado ou com a pele a cair. Depois as queimaduras são bastante desagradáveis e perigosas.

O sol não actua simplesmente como bronzeador da pele. Os raios ultravioletas ao incidirem directamente na pele produzem vitamina D e esta ajuda a construir ossos direitos, bons dentes e músculos fortes. A isto há que juntar o iodo obtido através dos banhos. Temos a certeza de que sempre se aproveitou alguma coisa do tempo de praia que coube a cada um.

Resta-nos desejar, a todos os amigos leitores, que as vossas férias tenham sido, senão melhores, pelo menos iguais, o que já não é mau e lamentar o número daqueles que, por várias circunstâncias, ainda este ano

não puderam desfrutar de algum tempo de praia.

Esperemos por melhores dias...

Jorge Cruz

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

O CASEIRO — Lembram-se do Caseiro, não lembram?

A mulher dele já regressou do hospital, mas continua doente.

A mesa da prole, numerosa, e a rigorosíssima dieta da pobre mulher seria um quebra-cabeças — a fome daquela gente! O preço da carne, de tudo...!

Só os benefícios do Seguro Social — precários — não aguentariam o barco, não senhor. E, daí, abrimos conta no merceiro. Resultado: em quase três meses foram mais de seis contos; governadinhos.

— Têm passado mal? As crianças têm o suficiente? V. tem cumprido a dieta?

Os olhos dela sumiam-se. Os dele não ficaram atrás.

— Se não fosse assim, que havia de ser nós! Não sei!

E dizem por aí que não há Pobres! São afirmações, vulgares, de quem nunca sofreu privações. Mais triste, porém, quando provém de uma nova burguesia que só identifica o Pobre no Miserável. Mas — ó ironia! — não deixa de cantar sonoras palavras d'ordem, como se o mundo melhorasse ou se transformasse com palavrado!

OS DIMINUIDOS — Ele é um Diminuído mental.

Poderíamos ser assim!

Os homens — eu, tu, ele, nós, vós, eles — nem sempre raciocinamos por esta linha.

Não ousamos revelar as omissões e carências de apoio aos Diminuídos deste País — por falta de elemen-

tos globais. No entanto, sabemos um pouco dos muitos dramas cruciais sem resposta adequada. Como no Terceiro Mundo. Até nisto somos terceiro-mundistas! Infelizmente.

No caso vertente, ele ainda é pessoa capaz de fazer render a sua força de trabalho na Lavoura, onde nasceu e cresceu.

A cegar erva não fica atrás dos normais camaradas de trabalho!

Andou por lá quase uma vida inteira a servir uns e outros — escravizado. Terrível libelo!

Pois ele é tão diminuído que não conhece nem destrinça a moeda corrente!

Um dia, porém, adoece. Mas, apesar das suas carências específicas, reconhece a razão do mal: alimentação deficiente e trabalho forçado noite e dia, sem horário!

Damos-lhe a mão. Não foi tarde nem cedo. Foi na hora.

Arranja-se um tecto, que não tinha. Mesa, três vezes ao dia. Tratamento clínico. E arriba!

Recomeça, então, a vida na Casa que lhe abriu a porta na hora amarga, com salário e horário dignos e previdência social.

Hoje, é vê-lo feliz, a cuidar da sua moradia — Património dos Pobres — com amor e um sorriso nos lábios!

Já não é um a mais. Não é estorvo, nem estorva. Mas um cidadão que, amparado, se realiza plenamente no seio da comunidade.

PARTILHA — De Montemor-o-Velho, 50\$00: «São da minha filha». Porto, 100\$00: «Peço que não vos esqueçais de mim nas vossas orações». Metade da assinante 5555, também da capital do Norte. O mesmo da rua Conde Ficalho, Lisboa. Mais 20\$00 de Alhandra, «promessa que fiz». Mais 500\$00 de S. Mamede de Infesta. Mais 50\$00 de grande Amiga, da Murtosa. O dobro de Lisboa: «migalhinha para juntar a outras». Mais 50\$00 com um voto cristão: «Peço uma prece para que Deus me conceda uma boa morte». Assina: «Uma amiga pobre». Tão rica! Outros 50\$00, agora da assinante 13519, do Porto. Lisboa, assinante 19552, com um remanescente para «dificuldades de que fui alertada pelo nosso último «O GAIATO». Ainda da capital, 100\$00 da assinante 6790 «para a família mais necessitada da Conferência. Gostaria de contribuir mais, mas os tempos vão muito difíceis e a nossa vida tem desandado vertiginosamente depois de 30 anos de trabalho honesto e cansativo do meu Marido. Ainda é a Fé e a Esperança que nos aguentam e que nos vão dando forças». Retalhos de vida!

Fundão: «Por passar, hoje, o aniversário do falecimento de minha Mãe, junto um cheque de 150\$00, pedindo o favor de fazerem chegar esta quantia às mãos de uma Mãe aflita. Será esta a forma de sufragar a alma de minha Mãe». Quem diria ou faria melhor? De «Uma Figueirense», em Coimbra, 100\$00 e «desculpe, mandarei mais vezes se Deus quiser». Delicadeza! Mais 250\$00, de Coimbra, «para fazer face às maiores necessidades que a Conferência tenha neste momento». Porto, 40\$00 da

«Viúva do Porteiro». Um grande abraço! Santa Eulália (Lousada), 200\$00 do assinante 28246. Torres Vedras, 20\$00 tirados à boca! Sacrifício! Graziela com 100\$00, «lamentando que não seja mais». Metade de um médico muito amigo, de algures. De Lisboa, 300\$00 «para ajudar a onda de infelizes que vai por esta pobre terra». Assinante 26236, de Alcains, 250\$00. Albergaria-a-Velha, 150\$00.

É tudo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

OFICINAS DO GOVERNO

OFICINAS — Ontem, já noite alta e os carpinteiros andavam ainda de ferramenta na mão. Mas, caso fora do vulgar, os martelos, serrotes, formões e plainas estavam arrumados e, nas mãos dos donos substituíam-nos picaretas, marretas, ponteiros e pás. Que andaram então a fazer? Trabalhavam árdua e afinadamente a escavar e remover os pés onde assentavam as máquinas para hoje se proceder à sua trasladação da velha e apertada para a nova e espaçosa oficina, onde já outras mais novas e modernas esperam também que se comece a trabalhar nestas oficinas, «o que já não era sem tempo», dizem alguns dos Rapazes.

A serralharia é mais fácil e os que nela trabalham não terão, como os primeiros, que pogar em ferramenta de pedreiro para mudar as suas máquinas. Mas o entusiasmo será o mesmo. Quem não se entusiasma, sendo jovem, quando se trata de melhorar o seu ambiente de trabalho?

Agora, com tanto espaço, máquinas melhores, ambiente mais aberto e sadio e tão grande vontade, ah! trabalho!!! Quem quiser ter uma obra feita com perfeição e rapidez façam-nos as encomendas e estes jovens, aprendizes mas habilidosos, carpinteiros e serralheiros, hão-de pôr todos os seus talentos em função ao executá-la!

FUTEBOL — No passado domingo a nossa equipa defrontou uma outra, do Azeiro de Coimbra. O resultado foi de 3-4 desfavorável para nós o que não é hábito.

Ouçamos as opiniões, em síntese, de alguns dos nossos futebolistas:

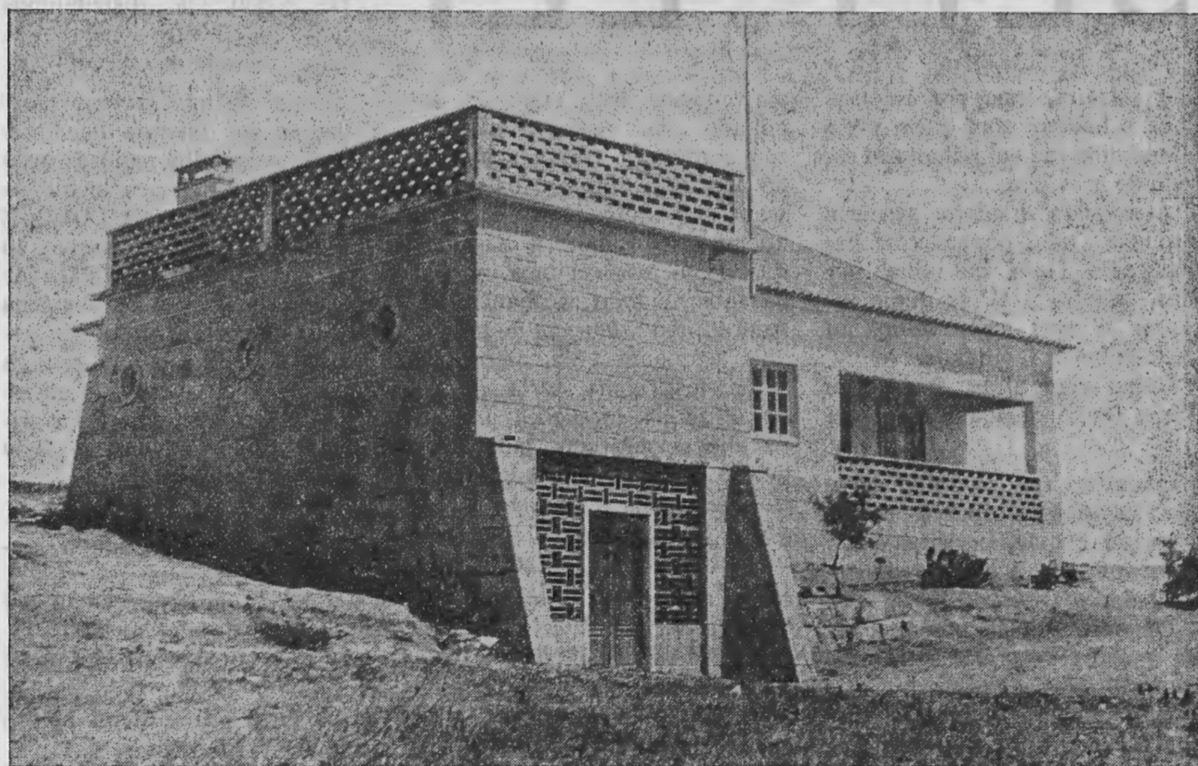
Eu — Que pensas do desafio?

Um — Foi bastante bem disputado pois houve de parte a parte grande luta e maior tentativa de obter um resultado favorável.

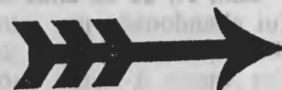
Eu — Quanto ao resultado, que há a dizer?

Outro — O resultado foi bastante injusto na medida em que devia pertencer à nossa equipa a vitória e não a derrota.

Eu — Merecendo a vitória e não a tendo obtido, qual o motivo que o justifica?



A nossa Casa de Férias em S. Julião da Ericeira



Reciclagem

Não falo dessa que terminaram agora os Professores Primários, daquelas que os profissionais conscientes da necessidade de formação permanente repetem a períodos cada vez mais breves.

O tema é o lixo, o lixo caseiro — tema que me sugere recente Boletim do Departamento de Informação da Alemanha Federal.

«Ao contrário dos detritos industriais (que são já objecto de recuperação nos países de tecnologia avançada, para a construção civil, para as indústrias químicas e até para a farmacêutica), o lixo caseiro, do comércio e de repartições tem reservas ainda não exploradas, cujo volume é muito

maior do que o dos detritos industriais. O lixo que se acumula na República Federal da Alemanha é calculado em cerca de 20 milhões de toneladas por ano, das quais, como se calcula e de forma teórica, a metade poderia ser reaproveitada como matérias primas...»

Também os detritos do gado bovino — li há pouco em revista da especialidade — são elemento precioso, porque utilizáveis em apreciável percentagem, para a composição do alimento do próprio gado.

Talvez porque o «Lixo das ruas» como dizia Pal Américo, é a razão da nossa vida; e a

chave que ele nos deixou para a sua reconversão, a pobreza de meios — sempre este tema me pareceu aliciante.

Que reservas de riqueza o Homem tem à sua disposição se puser na sua descoberta todo o seu amor aos homens e todo o engenho que desperdiça em tarefas blasfemas de destruição!

«Por exemplo — refere o Boletim citado — foi possível a um grande consórcio alemão da indústria química utilizar o gesso proveniente em uma de suas fábricas para a fabricação de paredes internas para

moradias e edifícios de escritório. Antes de ser instalada uma fábrica especial para a produção e aproveitamento de tais matérias, esse gesso era transportado simplesmente para os depósitos de detritos, ficando pois inaproveitado. As despesas só do transporte de cerca de 1.250 toneladas por dia desse gesso eram enormes, e além disso esse procedimento já não era mais tolerado pelas autoridades de protecção ao ambiente...»

Quer dizer: o aproveitamento do que se tinha por inútil acaba por ser duplamente rendoso: mais barato do que aceitar a fatalidade da sua acumulação, com a mais valia, a curto prazo insofrível, da poluição do ambiente; e causa de novos bens.

Vivem os evoluídos na matéria no terror de que o Mundo não chegue para a Humanidade... Como se o Mundo não tivesse um Senhor, ou fosse Ele um brincalhão inconsciente ou caprichoso e cruel, que Se divertisse à custa do Homem, pelo preço do seu aniquilamento!

«Reciclagem» — palavra expressiva com que Ciência e Técnica confessam a surpresa incessante da Natureza que Deus fez, com suas potencialidades mal adivinhadas, com seus dinamismos por descobrir — um desafio à imaginação do Homem, às suas faculdades criadoras, espelho do Criador. Como a energia escondida na insignificância do átomo, sinais d'O QUE VIVE até no que não tem vida.

Padre Carlos

O 1.º — Eh pá! até parece que não viste o jogo ou não andaste lá! Então aquilo foi uma roubalheira indecente do árbitro que nos anulou 2 golos e um «penalty», sem razão e marcava faltas e cantos que não tinham razão de ser.

O Outro — Eu também penso o mesmo. Quem fez o resultado foi o árbitro e não os jogadores.

Quem paga sempre as favas são os árbitros e há por vezes razão.

A nossa equipa anda um pouco abaixo de forma devido à falta de preparação e esta só se obtém com treinos e para os treinos é necessária bola, mas as nossas bolas são tão velhinhas que, à custa de remendos e remendos, já não são redondas. Quem há por aí que nos remende este furo, de maneira que depois nem os árbitros nos vençam?

Lita

Paço de Sousa

OBRAS — Com a cozinha nova pronta, os nossos trolhas iniciaram obras nas pocilgas.

É que o antigo telhado estava a meter muita água e foi preciso pôr uma placa de cimento a substituir as telhas.

Assim, os porcos já podem dormir sem se preocuparem com a chuva a cair-lhes no corpo.

E os leitores não pensem que cá em Casa não há mais para fazer. Até há, por exemplo, os nossos dormitórios.

COZINHA — Pois já há muito tempo que se pensou começar a trabalhar na cozinha nova, mas como ainda não tínhamos a máquina de lavar operacional, tivemos de aguardar.

Porém, pensa-se em começar breve, talvez no princípio de Outubro.

É isso que todos nós esperamos. E esperamos, também, que os cozinheiros correspondam.

«Marcelino»

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T.A.P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

As sombras que vêm caindo e as nuvens que já fugiram para o lado do poente, não são mais do que o reflexo de noites sem luar e dias cinzentos que a grande humanidade ainda não se cansou de viver. É uma História que passou e que pesa ainda. É o medo da libertação, na prática. É o receio da criancinha tenra ao pisar a dureza do chão. É o medo do medo que está lá fora. São pequenos nadas que fazem um todo coberto de espinhos que ferem e não matam, só lentamente. É uma vida arrasada pelos bloqueios a todos os níveis. É a lentidão do sofrimento humano. É uma mulher-mãe, queimada pela vida, carregada de problemas e com filhos loiros, a recomendar-me paciência para o dia-a-dia. É a soma de muitas subtrações a multiplicar pela divisão dos homens que converte em zero a parcela de vida que muitos traziam ao nascer. São os homens!

Partilhando

Por

P.e MOURA

A todos, um pouco de responsabilidade. A muitos, um

pouquinho de solidariedade. A uma minoria, uma vivência profunda de cristianismo evangélico... E as longas noites escuras de tantos homens e os dias sem sol, desapareceriam sem mais!

Nada de auto-suficiências! Até a brisa mansa as leva para o fundo dos vales.

Assumir responsabilidades, trilhando um caminho de justiça e de amor, é o processo

mais revolucionário que cada ser humano deverá aceitar e levar avante, vivendo-o com todas as suas implicações em ordem à libertação total, patente na doutrina evangélica de Cristo.

Oigo, neste momento, um miúdo que chora. Chamei-o e ao responsável por aquelas lágrimas, também. Perguntei-lhes as razões das porradas. Eram dos mais pequenos. Disseram-me as razões pequeninas, defendendo-se, sem ataques. Perguntei-lhes se eram amigos. Nada responderam. Olharam-se e sorriram. Sugeriu que fizessem as pazes com um beijo. Foram mais longe. Abraçaram-se e saíram correndo, ouvindo-se os passos miudinhos no corredor, já mais aquecido do que antes o haviam pisado e sentido...

Como é fácil a Paz quando o Amor vem ao de cima!

Padre Moura

PENSO...

Na minha cabeça as ideias são o caos.

Já se não seguem os pensamentos. Embaralham-se.

Eu vejo tantos e são tantos os factos dignos de serem falados, discutidos e comentados, que é difícil discernir as razões porque um deles merece a primazia na escolha.

Neste momento é este:

Entrei no café e tive que esperar. A meu lado dois ou três homens discutiam. É já tão normal a discussão que fico indiferente. Mas tenho ouvidos e não sou surdo, não me privo de ouvir. Oigo e fico atento. A meu lado há um senhor que não toma parte na conversa, mas também está atento.

O que entendo da discussão:

A Comissão de Moradores da terra anda a aplanar uns terrenos livres que, divididos em lotes, são para fazer oferta às pessoas que mais necessidade têm para construção de moradias. Ora, o caso é que dos presentes, e um deles fazia parte da Comissão, havia quem se achasse com mais direito ao terreno que a maioria dos que dele iam beneficiar. Acontece ainda que quem fazia estas queixas havia já comprado e vendido terrenos, mas era dos

que tinham necessidade de um terreno para construir a sua casa e isso ninguém podia contestar. Todos concordaram por fim e como os membros da Comissão são todos «rapazes fixos» eles não olham a isso. Remediam-se os remediados — e os que descaldas erram e vivem nas cabanas dos canaviais, onde o solo arenoso dá ainda algo para conservar a vida e não viver? E os que nada, mesmo nada têm?...

O senhor que estava a meu lado, interessado, meteu conversa: Perguntou ao da Comissão quais as funções desta cá na terra, onde até para a recolha de lixo, vêm duma outra homens contratados, e não pela terra, havendo por lá tantos que até esse trabalho aceitavam encantados!

As respostas eram ambíguas e sem lógica.

O senhor preocupa-se: — Fica tão mal e é tão anti-higiénico o curral de bois que tendes ali no arcal e...

Atalha o da Comissão:

— Sim; é isso e há outra coisa: é ali a Casa dos Gaítos. Mas o que é que quer? São coisas do tempo do fascismo.

As respostas são neste teor. Uma Casa para crianças ne-

cessitadas contrabalança com um curral de bois mal cheiroso que se encontra a meio dum arcal onde as pessoas em volta se situam para tomar banhos de sol. O curral foi construído pelos habitantes da terra porque era necessário. Hoje, porque está mal, de quem é a culpa?!

A nossa Casa foi construída por nós e o terreno onde se situa foi comprado e tudo construído de acordo com o plano de urbanização e há quem considere que vai ficar muito bonita no conjunto. Mas como o plano de urbanização é doutros tempos já deveria ter sido mudado. O motivo da Casa ser um mal, era estar em frente de uma rua que nos planos e plantas topográficas daquele homem devia continuar até ao infinito. São assim os moradores que hoje aparentam preocupar-se com a sua terra, mas até agora nada tinham feito para a melhorar! Ou haverá preocupações sinceras visando o bem-comum, não destruindo com injúrias o que ontem foi construído, mas visando o futuro, aproveitando e analisando o passado nos seus maus e bons (que também os há)?

Este é um caso; mas não haverá tantos como este em todo o mundo português? Há tanta gente que só quer ver o mal que os outros fizeram!...

Foi este o pensamento que consegui deslocar do caos em que vai a minha cabeça.

Lita



Isabel Cristina, de 6 meses, filha do Manuel de Oliveira — retornado de Angola.

CAMPANHA de ASSINATURAS

Hoje, sim! Temos desenvolvidas notícias da acção dos pequenos embaixadores de «O GAIATO», que percorreram localidades nortenhas em venda-avulsa, com um objectivo: motivar os leitores a inscreverem-se como Assinantes do nosso jornal.

Correu bem. Passaram 1.480 exemplares e, na próxima e última ronda levarão 1.640. Data expressiva da História pátria!

De todos, praticamente, resalta uma nota significativa: a conquista de Trabalhadores nas próprias fábricas!

Ninguém lhes encomendou o sono. Foram eles. Procuraram a melhor parte!

Vamos começar pelo «Melancia», em acção na zona de Ovar, Estarreja, Avanca e Murtoza:

«Vendi tudo e mais que fosse! Cacei 10 Assinantes novos! Desta vez ainda não fui à RABOR, com 700 Trabalhadores. Só nos cafés d'Ovar passei 45 jornais. Em Avanca, na ADICO, até me disseram pra ir lá todos os dias! E podia ter lá vendido 200, mas eles tinham a massa nos balneários!»

Braços abertos em Estarreja e na Murtoza. «Melancia» pernoitou em Avanca, na residência de um bom amigo.

«Campanera» disse, com alegria transparente:

«Trouxe à volta de 20 assinaturas novas! Corri S. João da Madeira e Oliveira de Azemeis. Toda a gente me tratou bem. Fui às cafés, fui às Bancos e num deles, houve um senhor que andou com jornais por minha conta! Dormi em casa da D. Maria Angélica.»

O «Salazar» acabara de chegar, com uma sacola cheia não

sei de quê. Bufava, espumante! Encosta-se à mesa e começa a desbobinar:

«Ainda passava mais 50!... Em Valadares, à entrada duma fábrica de confeções, vendi lá bem, muito bem!»

Faz uma pausa. Baixa a cabeça, arreliado. E desabafa:

«Havia lá uma fábrica grande onde não me deixaram entrar! Andei pelas portas e, depois, fui à Sanatório de Francelos. Apareceu uma senhora de branco e ficaram lá quarenta e tal jornais! Passei, ainda, por Miramar e Granja. E já me esquecia de dizer que me alarguei até Perosinho... Mas o que a malta quer é saber o preço da assinatura do jornal, as condições! Não de vir Assinantes daqueles lados, sim senhor; falei a todos...»

«François». Outra cara bem disposta! Afirma, logo de entrada, ruidosamente:

«Trouxe Assinantes porque os engatei! Bati às portas, fui às cafés, a uma espécie de Correios e à Câmara. Muitos disseram q'iam escrever pra cá. Gos-

to muito do Povó de Gondomar e de Fânzeres! Às vezes, perguntavam: — Então só agora é que vêm pra cá?!

Expliquei como é...»

O Henrique visitou Rio Tinto:

«Bati muitas fábricas! Fui à Mondex, onde se faz o pano. E entrei numa fábrica de tintas. Nas outras vendi cá fora. Na pulha d'ago fizeram pouco de mim! Diziam todos: — Vai-te embora! Não quero, não quero! Não arranjei assinaturas! Mas falei... Vamos receber muitos Assinantes de lá, com certeza. Fui às casas e às caféses.»

«Tiroliro» deslocou-se a Guimarães e a Fafe:

«Só nos cafés vendi 70 jornais! Andei pelos Bancos e casas comerciais, pelos Correios, pelas Câmaras. E entrei numa fábrica de frigoríficos...»

Seria, por isso, o mais frio de todos? Não! A caminho de Paço de Sousa perdeu 600\$00 na capital do Norte! E remata:

«Não me deram assinaturas! Mas algumas pessoas disseram que depois mandavam. Ainda

passei pela feira de Fafe. Não vendi lá nada! Queixavam-se: — Eu não sei ler...»

O «Algarvio» é dos mais expansivos! Correu a Trofa, V. N. de Famalicão e Santo Tirso. Como os restantes, primeiro alvo: fábricas! Ouçamos:

«Em todas só me diziam: — Não entras agora! Espera pelo pessoal, à saída.

Mas, numa delas, uma senhora levou 40 jornais lá pra dentro e passou-os todos! À saída, alguns homens começavam a gozar. Poucos. Os outros não. Compravam o jornal. E eu dizia que nós vimos aqui é para arranjar Assinantes. Fui também às cafés e às casas comerciais e às mercearias e bati a muitas portas. As senhoras aceitavam, mas queriam saber a opinião dos maridos... Outras, davam logo o nome. São pessoas amigas! E convidavam-me: — Prá outra vez vens comer a minha casa; está bem?

Vamos receber muitos Assinantes daquelas terras!»

«Rouxinol» é o mais discreto! Percorreu Barcelos. E afirma:

«Alguns pensavam que o nosso era um jornal de política. Não me deixaram entrar em dois Bancos! Vendi na rua, nos cafés e casas comerciais. Andei por lá...»

O resultado da batida foi como pensador. Estão do parabéns, os pequenos embaixadores de «O GAIATO», pois não houve um só terra visitada que não respedesse à chamada! Mais: houve, também, pessoas cuja amizade levou-as à conquista de dois, três e quatro Assinantes, recebidos pelos postais RSF!

Já que estamos com a mão na massa, aproveitamos para dar nota de inscrições doutros pontos do País. Aí vai a procissão Matosinhos, Lagares, Areosa, Bagreiro, Parede, Erpesinde, Leiria, Castelo Branco, Coimbra um por de vezes!, Baltar, Paredes, S. Pedro da Cova, Marco, Canaveses, Tomar, Condeixa, Santarém, Odivelas, muitos de Lisboa e Porto.

— Além fronteiras: Lyon (França), Raalte (Holanda) e Lourenço Marques (Moçambique).

Júlio Mendes

«O LODO E AS ESTRELAS»

Cont. da PRIMEIRA pág.

Ouçamos Maria da Graça, de Lisboa:

«Recebi, há dias, «O LODO E AS ESTRELAS». Foi uma grata surpresa que muito agradeço, pela espontaneidade e pela confiança no seu bom acolhimento da minha parte.

Quero fazer-lhe uma referência:

Chocou-me profundamente! É um sublime e doloroso poema em prosa, de uma sensibilidade profunda e dorida.

Tudo nele é belo e se harmoniza. O título, a capa, o conteúdo, mas principalmente a «Dedicatória!»...

Foram tempos difíceis e para quase todos nós desconhecidos!

(...) Estou convencida de que se o mundo — todos nós — conhecêssemos ao vivo tanta dor e miséria, tanto sofrimento e abandono, não poderíamos ser indiferentes.

Mas quem nos impede de entrar em contacto com tais situações?

Será o nosso comodismo, o nosso bem-estar, a nossa indiferença ou até mesmo o desconhecimento dos factos! Teremos talvez muitos pecados de omissão diante de Deus...»

Mais Lisboa:

«Junto um cheque a fim de vos compensar materialmente quanto a «O LODO E AS ESTRELAS».

Aproveito para vos saudar fraternalmente no Senhor e manifestar a minha convicção da importância da vossa acção e da urgência e actualidade do vosso testemunho de amor; que o vosso conhecimento da simpatia com que, silenciosamente

embora e à semelhança de tantas outras pessoas, vos vou acompanhando, constitua encorajamento e estímulo e o reforço da vossa certeza de que

a vossa actividade não se realiza em vão.»

Assinante 23326:

«Li agora esta nova edição de «O LODO E AS ESTRELAS». Há muitos anos que lera a 1.ª edição, mas não possuía nenhum exemplar. Numa época em que a palavra revolução anda na boca de tanta gente, aparece este livro que grita bem a Revolução que devia ser feita sem punhos fechados, nem ódio, mas de mãos e coração abertos. Para muitos será «brincar à caridadezinha». Tantos e tantos que não sabem e nem querem acelar a Revolução da paz, do amor e da tolerância... Se toda a gente vos pudesse ler!...

Acho que oferecer obras destas é semear... Por isso, peço outro livro. Os amigos têm o direito de poder entender, como nós cá em casa entendemos, «O LODO E AS ESTRELAS».

Mais extractos de presenças com uma actualidade a toda a prova. Bobadela (Sacavém):

«(...) Não sei se por ser assinante de «O GAIATO», a

ÁFRICA

Cont. da PRIMEIRA pág.

Vimos com o arrojo de amar os mais pobres e os mais desprotegidos. O Espírito a isso nos impeliu, sem quaisquer pretensões à escala do material ou de hegemonias de grupos, de raças ou de facções. Se tivéssemos de partir, Deus seja louvado por tudo que se fez, do muito que de longe trouxemos e do nosso coração e da vida dos que aqui mourejaram. Uma saudade nos ficaria, a dos jovens a que nos dedicámos, sem esquecer também os Amigos que conosco partilharam nestas paragens os problemas da Obra; uma dor permaneceria, a de não podermos fazer algo por alguns da imensa legião de Abandonados ou sem família que por aqui ficam à espera de quem lhes estenda fraternalmente a mão. De resto, sem ódios nem quaisquer ideias menos razoáveis, antes pedindo perdão de não termos sido capazes de fazer mais e melhor. E Deus que nos trouxe, Ele é só Quem nos conduz.

Que jamais falte a Sua protecção a esta maravilhosa terra de Moçambique.

Filhos sem lei

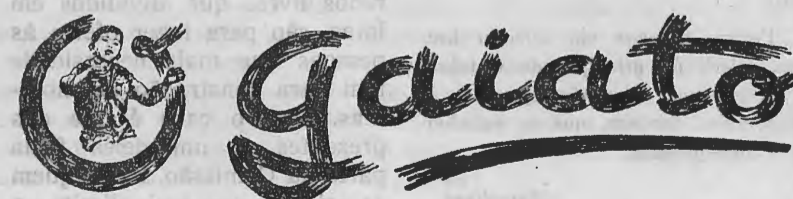
Cont. da PRIMEIRA página

injúria de que são vítimas legiões de crianças, estarmos para remediar e podermos tão pouco.

Quem vai em busca daquela mãe fugitiva, daqueles pais que andam por lá...? Fosse de outra espécie o seu delito e remover-se-ia meio mundo para os achar. Mas perante uma falta tão primária contra a Natureza, onde a Autoridade que se apoquente e vá até ao fim no repór da justiça?

Filhos sem lei, sim, sem lei que os defenda. E mesmo quando a tiverem, mal deles se não houver uma prevenção efectiva contra tanta irresponsabilidade dos adultos e estruturas que acolham aqueles que, esgotadas todas as hipóteses, não possam ficar com os pais. Na futura Constituição está isto tudo previsto. Mas quando é que a lei será vida?

Padre Carlos



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa